

Quarta-feira, 22 de fevereiro de 1989

O GLOBO

S

O cantor de rock inglês Sting deixou intrigados os inúmeros jornalistas que estão em Altamira (a 461 quilômetros de Belém do Pará) cobrindo o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu. Depois da reunião de domingo com o Presidente José Sarney, em Brasília, ele avisou que seguiria direto para Altamira. Mas até a manhã

de ontem, ninguém sabia notícias dele no local.

Sting chegou às 13h de ontem e logo saiu em passeio com o cacique txucarramãe Raoni, o chefe dos caiapós Paulo Paiakan e seu produtor, o cineasta Jean-Pierre Duttillieux, anunciando que voltaria às 17h para o início do Encontro. Está hospedado em uma fazenda na região.

er ou não ser Sting

Foto de Sonca

MILTON ABIRACHED

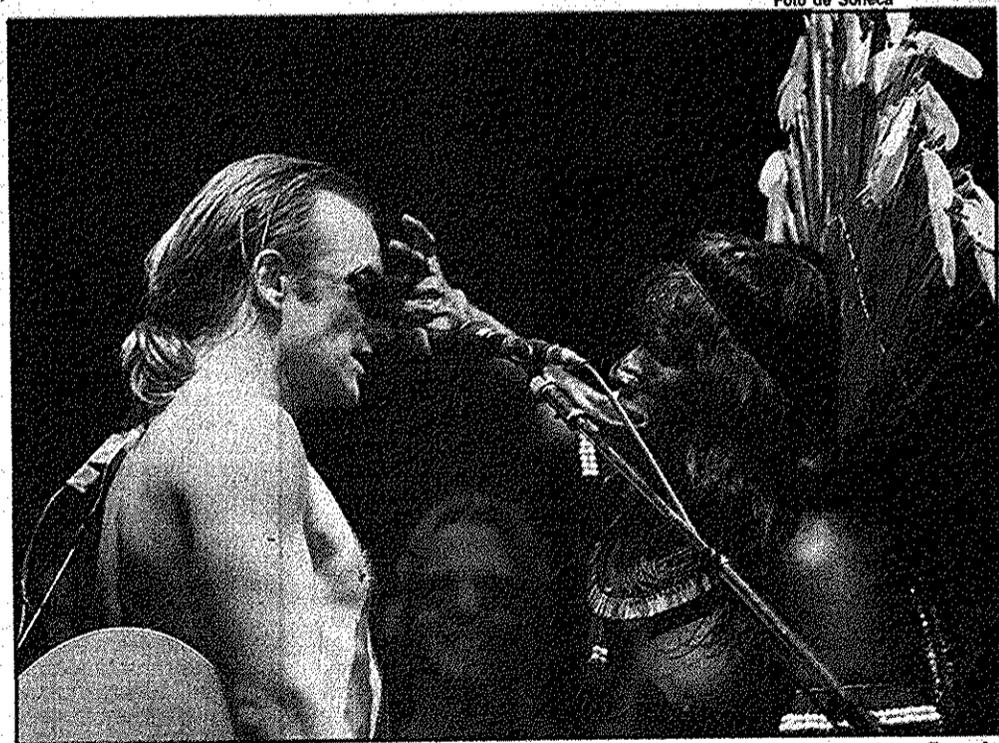
Enquanto em Altamira Sting era esperado (como "observador") hoje para o 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, o cantor Lulu Santos se encontrava em Washington com o Presidente dos EUA George Bush para discutir a questão dos mísseis de longo alcance e propor a extinção de "Guerra nas Estrelas".

Mesmo que a absurda segunda parte desta notícia seja inverídica, Sting obteve a adesão (informal) do Governo brasileiro para a criação de um parque nacional unindo três reservas indígenas no Xingu, além de apoio para a criação da Fundação Mata Virgem. Sua maior façanha, porém, foi descobrir "que Sarney também é um ecologista" e que aprendeu "bastante" com o Presidente.

Na saída do Palácio da Alvorada, a natureza mostrou ao cantor seu lado mais "real": Sting acabou mordido por formigas, ao sentar-se no gramado dos jardins. Mas era algo inédito: um governo fora convencido por um roqueiro. Mas foi melhor assim: rondando o encontro ecológico, o Deputado federal Ezio Ferreira (PMDB-AM) — que, meses atrás, oferecera uma tartaruga ao Presidente — poderia convencê-lo de coisa pior. A de Sting era uma causa nobre.

Mas é por estas e outras que a música de Gordon Matthew Summers (Sting), 37 anos, está indo para o brejo. Há muito o que fazer pelo Mundo e pouco resta, nos últimos discos, daquela usina de invenção que era o Police, seu primeiro grupo, que estreou em 1978 com o LP "Outlandos d'Amour" (com o clássico "Roxanne"). Grupo seminal e marca dos anos 80, o Police era xerocado no Mundo todo (vide início dos Paralamas do Sucesso). Foi uma das primeiras bandas a sintetizar o pop com ritmos "étnicos" (reggae, ska etc), e a que melhor fez isto. Vieram "Regatta de blanc" (1979), "Zenniatta Mondatta" (1980), "Ghost in the machine" (1981) e "Synchronicity" (1983), LPs em que o Police (Sting assinava a maioria das faixas) colocava o rock no futuro, abria portas para o que se chama hoje de world music. A poesia elaborada não precisava se empobrecer em rodeios para dar "mensagens na garrafa" como hoje. "Synchronicity" é uma obra-prima com o som e a fúria da poesia à procura do eio perdido para o pesadelo da cidade e o inferno cibernético do Mundo, e tinha até lugar para a balada de amor da década, "Every breath you take". Em 1984, Police acabou.

Foi quando Sting começou a sonhar com posturas heroicas, presos políticos, índios, problemas de terra, tartarugas azuis: lançou o bonito LP solo "The dream of the blue turtles". O fantasma louro que subvertia a má-



No show da Anistia Internacional, em outubro passado, Sting é pintado pelo cacique Raoni

quina ("Ghost in the machine") no grupo que se chamava Policia começou a sentir o peso de seus 33 anos e, com ele, responsabilidade e culpa da repressão e injustiça no mundo dos destituídos (era outro o Sting que cantou no Rio com o Police em 1983). No cinema, atuou em vários filmes.

Em "Dream...", ele abole o futuro e adere ao jazz. Passa a discutir economia com Margaret Thatcher ("We work the black seam") e usa Prokofiev (na pretensiosa e bela "Russians") para dizer frases simplórias (mas de efeito na massa) como "Espero que os russos amem seus filhos também". A poesia é sacrificada por conceitos políticos ingênuos e a "fissura" de entrar para a intelligentsia (pela porta do jazz e do engajamento) escorre por todas as frestas. No meio de "cobras" do jazz, que chama para acompanhá-lo, o bom baixista de rock vira um músico mediano. O jazz impregna todo o duplo ao vivo "Bring on the night", um baita sucesso em 1986. O disco — maneiroso na estética "de elite" — era a chave que possibilitava às peruas aliar aquela tensão toda que o sex-symbol provocava com um atestado antiburrice.

Em 1987, iniciou o lançamento mundial de "...nothing like the sun" pelo Brasil. Lotou o Maracanãzinho com um show tedioso patrocinado pela Coca-Cola ("Sou vegetariano,

mas não obrigo ninguém a tomar esse refrigerante", justificava-se), em que provocava a peruada tirando a camisa ("Enquanto houver tortura, não posso ser feliz"). O disco consagra sua síndrome de Violeta Parra: em "They dance alone" pedia para "Mr. Pinochet" imaginar sua mãe dançando com o filho invisível.

Depois, foi para o Xingu, onde conheceu o cacique txucarramãe Raoni, a quem chamou de "big star" e informou que "o homem destrói a floresta por inveja da felicidade do índio". Segundo ele, a Funai tentou impedir sua viagem, mas tudo se resolveu porque a filha do piloto do avião era louca por ele. Um dia, foi acordado por uma surucucu na oca: disse que as "casas da aldeia" são dignas, ao contrário do "degradante caos do Rio".

Em outubro passado, ele voltou para os shows da Anistia, em São Paulo, em que fez Raoni dançar rock no palco do Parque Antártica. Depois de horas trancado com índios no quarto do hotel, posou de herói na coletiva: "Podem me prender hoje, mas que seja no palco". Sting é obstinado. Descobriu nova missão no Mundo e perde importância como músico. Conseguiu persuadir o Presidente de um País longínquo, enquanto milhões o esperam nos estádios da Terra. Hamlet explica.